

RECENSÃO

A reconstituição histórica em *Amêndoas, doces, venenos* de António Rebordão Navarro

Ana Margarida Ramos
<http://sweet.ua.pt/~anaramos>

Uma leitura do romance *Amêndoas, doces, venenos* de António Rebordão Navarro, publicado em Dezembro de 1998, terá sempre que, de uma forma ou de outra, tocar no problema da reconstituição histórica.

Aliás, a integração de aspectos de ordem histórica, ainda que, na maior parte das vezes, como suporte exterior da intriga, tem-se revelado uma constante na produção romanesca deste autor, sobretudo aspectos particulares da História da cidade do Porto e dos seus protagonistas. Não esqueçamos os romances que integram a trilogia (*Mesopotâmia* (1985), *A Praça de Liège* (1988) e *Parábola do Passeio Alegre* (1995)), onde se reescreve a “estória” de uma família ao longo de várias gerações, tendo como pano de fundo todo o ambiente histórico, social, cultural e económico de praticamente todo o século XX; ou *As Portas do Cerco* (1992), onde, em Macau, tempos e personagens afastadas entre si por mais de um século convivem e confluem; ou ainda *O Parque dos Lagartos* (1982), onde a História, nomeadamente a da Revolução, é sobretudo veículo para a catarse do narrador/autor.

Em *Amêndoas, doces, venenos* a História funciona muito para além de simples cenário ou pretexto para a veiculação de qualquer mensagem ou tese do autor. Assistimos a uma revisão crítica da História, nomeadamente de um seu episódio – o julgamento e a condenação do Dr. Urbino de Freitas por um crime de assassínio de um sobrinho, que obriga a toda uma reconstituição de ambientes, de figuras e de mentalidades do final do século passado. Essa recriação, ao que tudo indica, fiel do caso, dos seus antecedentes mais directos, bem como das suas principais consequências, é também ponto de partida para o afastamento crítico do narrador, visível sobretudo na ironia com que trata determinados temas e motivos, nomeadamente o Porto e os seus habitantes, e não afasta o levantamento de questões e o adiantar de possibilidades.

A cidade do Porto do final do século passado, os seus aspectos marcadamente ultra-românticos e decadentes, em tudo semelhantes ao resto do país, que se via a braços com o Ultimato de 1890, uma crise económica grave, a queda anunciada do regime monárquico e o alvorecer dos movimentos republicanos, a presença insinuante de Camilo Castelo Branco e a forma como era visto na época, «gazeteiro malévolo, autor de uns folhetins, de umas historietas, de uns livrecos pouco recomendáveis, insultando tanto Porto» (p. 34) e «um sujeito sem moral, dignidade alguma (...) um mariola» (p. 34), transportam-nos imediatamente para o contexto da narrativa que será decisivo para o seu desenlace.

Mas o romance em questão não é só uma reconstituição de um caso, que abalou a opinião pública da época, em que um médico, professor altamente respeitado e conceituado, pertencendo a uma família de fortes rendimentos, foi condenado por um crime bárbaro de assassinato de uma criança, seu sobrinho. Outros aspectos fundamentais na construção da narrativa são também o levantar de dúvidas, de erros processuais, de (in)coincidências, de testemunhos contraditórios e inverosímeis, na tentativa de trazer um pouco mais de luz ao processo, reabilitando, se não totalmente, pelo menos em certa medida, a figura do Dr. Urbino, julgado e condenado primeiro na praça pública, por uma opinião pública pouco informada e esclarecida, manobrável e manobrada, que não perdoava o sucesso nem a riqueza.

Aliás, serão os populares e a cidade do Porto alguns dos novos/outros “culpados” que o romance traz a julgamento, abrindo sobretudo lugar à dúvida e à interrogação, deixando a cada leitor “alguma” liberdade para julgar novamente o caso: «A dúvida instalava-se. Devagar, ocupava o seu estrito espaço. Tinha uma estrutura flexível, acomodática. Endurecia, aos poucos. Ganhava forma fixa. Como um vício, alastrava. Corpo estéril, sem sombra, corroía os limites. Avançava, inexorável, pulverizando outras incertezas, quantas vezes firmes convicções. Exorbitava, aniquilando tudo o que, de perto ou de longe, lhe fizesse frente. Como a solidão, como a loucura» (p. 40).

Apesar de não o afirmar concretamente, sente-se, na leitura do romance, uma aproximação afectiva à figura do Dr. Urbino, e também à mulher que o apoia incondicional e totalmente. O médico (ou monstro, como refere a editora na faixa que acompanha o livro) surge mais como vítima (das situações, das suas próprias mentiras, da falta de amizade dos outros, das traições várias, das invejas, da imprensa da época, da movimentação dos populares, do clima e da frieza da própria cidade, da sua personalidade orgulhosa e firme) do que propriamente como carrasco. Tanto o Porto, «que não esquece, não perdoa, não liberta ninguém» (p. 215), pelo qual o Dr. Freitas nutre um sentimento contraditório muito forte de amor-ódio¹, como a “população”, «chamando-lhe os mais soezes nomes as mulheres, o que levaria os homens a cuspirem o asco revolvendo-lhes as entranhas, a crisparem os rostos, a rangerem os dentes, a clamarem por justiça sumária, imediata» (p. 84), caracterizados de forma disfórica, sobretudo pela frieza e crueldade, são elementos da narrativa aos quais o narrador dá um destaque muito especial, ultrapassando, cada um deles, a categoria de espaço físico ou de personagem colectiva figurante, respectivamente. São ambos elementos dinâmicos que possibilitam o desenrolar da acção, reiterados quase obsessivamente ao longo do romance, surgindo às vezes quase confundidos um no outro, e que têm efeitos quer na actuação das personagens, quer na veiculação da mensagem da narrativa.

Além da estrutura aberta do romance, ainda que condicionada, fazem também parte dele os vários espaços em branco que são deixados ao longo de toda a narrativa (cuja significação caberá ao leitor preencher e completar), as aproximações recorrentes à figura, ao percurso e até ao estilo de Camilo Castelo Branco, a utilização reiterada da interrogação como forma de reconstituição da História, a presença de alguns elementos intertextuais e influências quer do texto de tipo policial, quer do discurso judicial e até de imprensa.

A revisitação da História é, pois, um dos elementos fundamentais do romance, como se percebe pela preocupação em reconstituir cenários, decorações, arquitecturas, acontecimentos, personagens, hábitos e trajés.

Mas **revisitar** implica ver com outros olhos e **reescrever** é, forçosamente, contar outra vez e de outra maneira, completando lacunas, interpretando a História, dando uma outra versão, ainda que próxima da oficial. Ao **recriar** a História do Dr. Urbino, surge obrigatoriamente uma “estória” que mantém com a primeira contactos e afinidades, mas também dissemelhanças, cujo julgamento, este como o do próprio Dr. Urbino, cabe a cada leitor realizar.

Referências:

¹ Confrontar com: «O Porto visto de Gaia (...) tem sempre para os seus naturais que regressam, que ternamente o redescobrem, qualquer coisa de seguro e protector» (p. 52 e 53) e ainda «Na cidade de austera arquitectura (...), fora feliz e infeliz, dela era expulso com o labéu de assassino. A garganta apertada provocou-lhe um sufoco, quando deixou de a ver. Era dali, daquelas pedras, das brumas que, cobrindo-a, nela se confundiam. Amava aquele espaço taciturno (...). Vira, vivera em lugares diferentes (...), mas não os trocava por aquela nimbada claridade, aquele peso, aquele mistério, mesmo aquele tédio que a cidade infundia, penetrando os corpos e as almas de singular sortilégio, despertando em todas as partidas uma ânsia de regresso. Nunca a desejara de tal forma nem jamais tão próxima a sentira, agora que a deixava, provavelmente para sempre» (p. 191 e 192).

NAVARRO, A. R. (1998): *Amêndoas, doces, venenos*, Porto, Campo das Letras